

Carlos Rodrigues Brandão: formação, multilinguagens e pluriolhares de um educador popular e antropólogo do mundo rural

Bernadeth Maria Pereira*

O admirável educador, professor, antropólogo, cientista social,
ativista e escritor Carlos Rodrigues Brandão¹ nem sempre foi um aluno

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); especialista e mestra em Psicopedagogia da Educação pela Universidad de La Habana, Cuba; especialista em Língua Inglesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas); graduada em Português, Inglês e suas literaturas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Diferenciação Sociocultural (Gepedisc/FE/Unicamp); professora aposentada do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). E-mail: detepereira@yahoo.com.br.

1 Bacharel em Psicologia e psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB), doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutor em Antropologia pela Universidade de Perugia, Itália, e pela Universidade de Santiago de Compostela, Espanha. É “*fellow*” do St. Edmund’s College da Universidade de Cambridge e livre-docente pela Unicamp. Possui experiência na área da antropologia, com ênfase em antropologia camponesa, antropologia da religião, cultura popular, etnia e educação. Lecionou em 12 universidades do Brasil e da Europa. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Unicamp e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Brandão faz parte também da Ordem Nacional do Mérito Científico, por suas contribuições científicas à causa do desenvolvimento das ciências sociais e humanas no Brasil, tendo sido agraciado como Comendador por decreto da Presidência da República do Brasil. Assessor ad hoc e membro do Conselho Consultivo de Ambiente e Sociedade da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Membro de Conselho Editorial da revista *Educação*, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Membro do Conselho Editorial da revista *Horizontes Antropológicos*, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Assessor ad hoc FAEP/Unicamp. Pesquisador associado NEPAM/Unicamp e CERES/Unicamp. Assessor ad hoc do CNPq. Membro do Conselho Internacional do Instituto Paulo Freire. Para dados sobre livros e artigos, consultar Livro Livre, em <www.sitiodarosadosventos.com.br>; <www.folhasaevento-poesia.blogspot.com>; <www.apartilhadavida.blogspot.com>.

exemplar. Embora desde muito novo gostasse de escrever e, inclusive, aos oito anos, tenha recebido um prêmio pela melhor redação da sala, Carlos Brandão foi sempre um aluno levado de mau comportamento, trocando muitas vezes de colégio e chegando a ser expulso do Colégio São Bento, no Rio de Janeiro (Brandão, 1986b). Continuou sendo precário estudante e péssimo aprendiz de “militar” na Escola Preparatória de Cadetes do Ar em Barbacena (MG), de onde só não foi expulso porque saiu por outro meio: através de um acidente num rio, no qual fraturou a coluna.

Em 1957, durante o período de convalescência prolongada, viveu uma espécie de pequena, mas decisiva, “conversão interior”. Por ter passado longos momentos sozinho, tornou-se uma pessoa serena, silenciosa, meditativa, espiritualizada, leitor infatigável de livros e aprendiz de escritor.

Em 1958, ao se recuperar do acidente, abandonou a vida militar e, de volta à liberdade do “ser civil”, regressou à escola completamente “outro”. Matriculou-se no curso clássico e, logo no primeiro ano, transformou-se em um dos alunos mais aplicados.

Desde a infância, Brandão esteve muito ligado à natureza e se engajou nas causas ambientalistas (Brandão, 2005b). Esse fato foi o que o tornou também pesquisador do mundo rural, embora sua origem fosse urbana. Martinello (2011, p. 59) afirma que na parte biográfica do livro *Memória sertão* se diz sobre o autor:

Carlos Rodrigues Brandão é um caipira legítimo nascido em Copacabana, pois ali ele nasceu em algum dia do mês de abril de 1940. Viveu no Rio de Janeiro até os 26 anos. Antes de se tornar antropólogo e professor universitário, sonhou em ser piloto de aviões, foi guia de escaladas de montanhas e preparou-se (com maus resultados antecipados) para um vestibular de Engenharia Florestal. (Brandão, 1998, orelha do livro).

Parte dessa passagem da sua vida é contada também em um livro direcionado a ambientalistas, organizações não governamentais e instituições educacionais publicado pelo Ministério do Meio Ambiente em 2004. “Quando menino sempre que podia vivia no mato (literalmente, pois a floresta da Gávea emendava com o quintal da minha casa). Depois fui escoteiro, guia excursionista e guia escolar” (Brandão, 2005b, p. 176-177).

Ao lado de um embrião de vida de escritor, a prática do “montanhismo” foi aquilo a que mais se dedicou.² Viveu anos assim, entre a saída da aeronáutica e o ingresso no curso de Filosofia da PUC-RJ em 1961.

A universidade e a militância política

Outra grande virada na vida de Brandão foi o ingresso na Juventude Universitária Católica (JUC), uma das organizações da Ação Católica (AC). A JUC daquele tempo tinha pessoas como Betinho, Frei Beto e outras que depois se tornaram muito conhecidas. Brandão é da geração de toda esta gente: Marcos Arruda, Leonardo Boff, que era um pouco mais velho, Paulo Freire, que ele encontraria depois, na militância da educação popular. Em 1962, ele resolveu fazer também o curso de Psicologia. Muito mais que seus estudos de psicologia, sempre próximos de uma psicologia social, quem o aproximou dos estudos de cultura foi a AC e sua linha de ação social francamente política e de esquerda.

Desde sua opção pela JUC, Brandão se imaginava em uma profissão mais próxima do social. E esse passo foi completado com sua adesão ao Movimento de Educação de Base (MEB) em 1963, mesmo ano em que abandonou o curso de Filosofia. O MEB daquela época era

[...] um processo de conscientização construído na relação entre os sujeitos e a realidade social, avançando da consciência ingênua para uma perspectiva crítica, em que os sujeitos individual e coletivamente, buscavam resolver os problemas da comunidade e cobrar também do poder público sua obrigação. Ao levantarem um tema/problema para as discussões, havia a preocupação com a escola, com o saneamento básico, com as mazelas oriundas da falta de condições financeiras em meio à exploração por parte dos donos da terra, desafios postos pela realidade social. (Rodrigues, 2008, p. 7).

2 Brandão chamou a atenção em seu memorial de livre-docência para a prática de escalada e montanhismo, afirmando que o único diploma colocado na parede foi o que recebeu por ter participado da conquista do “paredão Baden Powell”, em 1960. Essa escalada figura como o IV grau padrão do Rio de Janeiro, no *Guia de escalada* escrito por André Ilha. Porém, seus diplomas na parede são mais de um: diploma de promessa de escoteiro em 1951; diploma de voluntário de escoteiro em 1958; diploma de guia escalador de montanhas em 1960; diploma do caminho de Santiago em 1992.

O trabalho no MEB o levou do “mundo universitário” para o “mundo da educação popular” e foi assim que Carlos Brandão ingressou no universo da educação. Brandão foi convidado a integrar o setor de animação popular³ do MEB, que utilizava metodologias envolvendo ações educativas e de cultura popular. A experiência de animação popular expressava a história de um trabalho de alfabetização de adultos e visava à formação para a cidadania e à conscientização das lideranças frente aos problemas sociais, considerando-se não apenas o nível de aprendizagem, mas as mudanças de atitudes e comportamento da própria comunidade (Rodrigues et al., 2012).

Brandão permaneceu por dois meses como estagiário e depois foi contratado. Seu trabalho no MEB estava justamente ligado a comunidades populares rurais, pois o MEB só trabalhava em zona rural. Havia inclusive um MEB-Goiás, que Maria Alice,⁴ com quem veio a se casar, coordenava. E, nessa ocasião, Brandão teve algumas experiências coletivas que mudaram o rumo de sua vida. Uma delas foi seu vínculo com o Movimento de Cultura Popular (MCP) dos anos 1960.

Desde o começo, os movimentos de cultura popular não foram experiências apenas no campo da educação. A própria expressão “educação popular” foi aparecer bem mais tarde, vinda das experiências pioneiras de cultura popular, em boa medida “do campo para a cidade”. E aquela “cultura popular” também abriu para Brandão caminhos coletivos e pessoais para o mundo da arte popular regional. Brandão fez pesquisas de reisado, congados e coco em Pernambuco e de folias de reis e chegadas festivas de mutirões em Goiás. Desde 1961, de forma fortemente pioneira, quando não havia ainda sequer um curso de pós-graduação em Antropologia, o MEB já tinha um antropólogo em seu quadro, Wilson Hargreaves, com um trabalho pedagógico de base antropológica.

A prática adquirida com o exercício vivido no MCP e no MEB proporcionou maturidade em sua experiência existencial e religiosa, inaugurando

3 A origem da animação popular do MEB vinha das experiências de animação rural promovidas pelo Institut de Recherches et d'Applications de Méthodes de Développement (IRAM) nas colônias francesas do continente africano e das missões rurais vivenciadas pela Campanha Nacional de Educação Rural (CNER) (Rodrigues et al., 2012).

4 Maria Alice foi militante da ação católica quando estudante, e depois coordenadora da equipe regional do Movimento de Educação de Base em Goiás. Estudou com Brandão educação de adultos no CRE-FAL, no México. Em Campinas foi durante anos professora para crianças com dificuldades de aprendizagem. Acaba de participar de um coral que gravou o CD *Cantos da resistência*, com músicas de insurgência dos anos de 1960. No coral, o cantor mais jovem tinha 72 anos e o mais velho 96.

uma vivência aplicada e política muito forte. A partir do MEB, o “mundo da natureza” tornou-se um cenário de vida, de envolvimento pessoal e coletivo com comunidades, movimentos populares e lutas.⁵ O mundo rural passou a ser um lugar de engajamento e militância, um território múltiplo que foi estudado, pesquisado, compreendido, dialogado e, por fim, um campo de ação direta, ou seja, de atuação política, por meio da cultura e da educação. O que antes era “folclore” residual passou a ser um trabalho político e revolucionário, por meio da cultura.

Essa mescla de olhares, de vocações e de trabalho envolvendo a cultura popular ao lado de diferentes vivências entre a ciência, a educação e a arte acompanham Brandão até hoje. Dentro e fora da universidade, Brandão lidava ao mesmo tempo com Marx, Freud, Teilhard de Chardin, Pablo Neruda, Augusto Boal, Paulo Freire, Carl Rogers e Darcy Ribeiro.⁶

A cultura popular emergiu no começo dos anos 1960 e, mal nascida, sofreu um impacto terrível a partir de abril de 1964. O MCP foi fortemente reprimido depois do golpe de 1964 e dissolvido imediatamente, assim como todos os movimentos populares. Então, veio um tempo de ações policiais de feição política e repressiva. Brandão conviveu com mortes, prisões, exílios de pessoal da igreja, de lideranças populares e políticas, de diferentes categorias de militantes e artistas, inclusive de pessoas muito próximas. Essa experiência é contada em um pequeno livro didático intitulado *A cultura rebelde* (Brandão; Assumpção, 2009).

Várias “pessoas da igreja”, jovens estudantes, operários, camponeses e profissionais militantes passaram a lutar na clandestinidade contra a ditadura. Dentre essas organizações clandestinas, a Ação Popular (AP) teve uma história singular, tanto pela origem dos seus militantes quanto pelo trabalho de massas que realizou. Constituiu-se numa organização que chegou a ter cerca de 25 mil membros, entre militantes orgânicos e simpatizantes, com atuação em todos os estados do país. Pelo menos mil de seus militantes foram deslocados para o trabalho nas fábricas e no campo, processo denominado de proletarização.

5 A origem remota do MST, nem sempre aceita e reconhecida, é a militância de camponeses ligados a movimentos de igreja católica de esquerda.

6 Vale a pena lembrar que esses autores alimentaram toda a geração de militantes católicos dos anos de 1960, 1970 e 1980, e ainda sustentam o pensamento e as ações de Brandão.

A AP foi um movimento político inicialmente vinculado à igreja católica, criado em parte pela JUC, para ser o braço político da juventude católica,⁷ e ligado também ao MEB. Porém, o movimento foi evoluindo ideologicamente e transformando-se em organização política até absorver o marxismo. Influenciado pela visita de seus militantes à China, optou pelo maoísmo.⁸ Sua evolução política teve a influência de teóricos católicos como Emanuel Mounier, Jacques Maritain, Teilhard de Chardin e do padre brasileiro Henrique Vaz,⁹ além de pensadores progressistas da igreja presbiteriana. Brandão viveu dois momentos ligados à AP. O primeiro foi durante a sua criação. O segundo foi mais tarde, quando ele já lecionava na Universidade Federal de Goiás (UFG). Esse episódio será narrado posteriormente, na próxima seção deste artigo.

Em 1966, alguns dos companheiros de Brandão foram presos, torturados, mortos e outros exilados, como é o caso de Paulo Freire, Ernani Maria Fiori – gaúcho e mentor intelectual de Paulo Freire – e do cientista político Francisco Weffort. Nessa época, Brandão e Maria Alice se casaram e foram para o México. Não foram exilados, mas com bolsas da Unesco, obtidas pelo MEB, para estudarem alfabetização, educação de adultos e trabalhos comunitários em um centro de estudos e formação de educadores, o CREFAL (Centro Regional de Alfabetização para a América Latina), em Pátzcuaro, município do estado de Michoacán; passaram quase um ano fora do Brasil.

7 Os elementos mais politizados e influentes da JUC tomaram a deliberação de fundar um movimento novo, de caráter político-ideológico e, em 1962, nasceu a Ação Popular, que incluiu também militantes da JEC, refletindo o fortalecimento da esquerda católica dentro do movimento estudantil. No início, defendia uma ideologia própria, buscando diferenciá-la do marxismo, o que não a impedia de assumir-se como um movimento revolucionário que pretendia formar quadros para participar de uma transformação radical da estrutura em sua passagem do capitalismo para o socialismo. Disponível em: <http://www.pucsp.br/cedic/colecoes/acao_popular.html>. Acesso em: 21 jun. 2017.

8 Em um contexto brasileiro, o maoísmo são as ideias e as propostas de luta revolucionária e de construção de frentes socialistas com base no pensamento e nos livros de Mao Tse-Tung. Nos anos 1960, os seus livros em espanhol circulavam entre os militantes clandestinos e revolucionários da Ação Popular. Disponível em: <http://www.pucsp.br/cedic/colecoes/acao_popular.html> e em: <https://pcb.org.br/fdr/index.php?option=com_content&view=article&id=599:revolucionarios-sem-rostro-uma-historia-da-acao-popular&catid=9:noticias>. Acesso em: 21 jun. 2017.

9 Segundo Betinho: “o padre Vaz foi nosso ideólogo, porque frei Matheus foi o inspirador”. Frei Matheus Rocha foi fundador da JEC, enquanto o padre Henrique Vaz – leitor de Marx, Engels, Hegel, Heidegger e outros pensadores – escreveria a “parte ideológica, teórica, filosófica” do documento fundador da AP (Souza, 1996, p. 23 e p. 38).

A experiência no México e a volta ao Brasil nos anos da ditadura militar

Em 8 de setembro de 1966, Dia Internacional da Alfabetização, Brandão e Maria Alice estudavam no CREFAL. Os professores pediram a alguns alunos – da América espanhola, do Haiti e do Brasil – para apresentarem algumas experiências locais ou nacionais em alfabetização. Maria Alice e Brandão foram escolhidos e fizeram uma apresentação do método Paulo Freire de alfabetização de adultos, o que causou surpresa e impacto, pois ninguém conhecia Paulo Freire, nem mesmo o professor de alfabetização. Assim, os docentes pediram a eles para escreverem um artigo sobre o método. Brandão escreveu então *El método Paulo Freire para la alfabetización de adultos*. O CREFAL o publicou em 1966, mimeografado, depois impresso como um caderno (Brandão, 1977a). Pela primeira vez, o método Paulo Freire foi publicado fora do Brasil de forma completa.

De volta ao país em 1967, Maria Alice e Brandão ingressaram em equipes de trabalho no Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA), que iniciava a “reforma agrária dos militares”. Eles foram trabalhar no Distrito de Colonização Alexandre de Gusmão (DCAG), distante 40 quilômetros do Plano Piloto de Brasília. Fundaram pequenas escolinhas rurais no DCAG e começaram um trabalho com alguns camponeses chamados de “parceleiros”, que recebiam glebas de terras no DCAG. Por conta própria, Brandão, Maria Alice e alguns companheiros trataram de refletir com os “parceleiros” o que estava por baixo de toda aquela ilusória proposta do governo militar. Notícias sobre aquela ação começaram então a correr no IBRA, e Brandão e seus companheiros passaram a ser perseguidos, inclusive pelo próprio diretor do projeto. Assim, um engenheiro agrônomo, coordenador de uma divisão do IBRA em Brasília, que mal os conhecia e que nem era “de esquerda”, convidou-os para irem trabalhar com ele na Delegacia Regional, em Brasília. De qualquer maneira, eles sabiam que sua presença em Brasília não duraria muito tempo, pois eles se sentiam – tal como tanta gente deles naqueles tempos – sempre na iminência de perigos e ameaças.

Eis que, no meio de um tempo de incertezas e de temores, de um momento para o outro e sem qualquer plano antecedente, Brandão iniciou em Brasília sua carreira como professor. Desejoso do ofício, começou a lecionar na UNB em agosto de 1967. Simultaneamente, continuou trabalhando

com uma equipe flutuante em educação rural e ação comunitária no IBRA. Em provisório cenário de maior confiança e menos temores, Brandão e Maria Alice saíram do distrito federal para implantarem experiências em comunidades rurais de Goiás, onde sonhavam viver suas vidas. No final daquele ano, Brandão prestou concurso na UFG e, aprovado em março de 1968, um ano terrível do ponto de vista da repressão militar, mudou-se para Goiânia com Maria Alice. Eles se demitiram – sem remorsos – do IBRA. Brandão permaneceu ainda por um tempo na UNB, viajando todas as semanas de Goiânia a Brasília.

Naquele mesmo ano de 1968, Tomás Balduino, um frade dominicano, ativista do MEB em Conceição do Araguaia, foi nomeado bispo da diocese de Goiás. Brandão trabalhou com Dom Tomás de 1968 até o começo dos anos 1990, assessorando projetos de ação pastoral junto a comunidades camponesas – muitas delas dentro de grandes fazendas – e a “moradores”, como se dizia então por lá. Aqueles eram tempos em que a igreja católica de algumas dioceses, alguns movimentos e algumas regiões começaram a se posicionar de frente contra a violência do governo militar.

Ainda em 1968, Brandão envolveu-se com o movimento político estudantil da UFG. Sua casa, por algum tempo, foi “aparelho de AP”. Pessoas da AP hospedavam-se com ele e Maria Alice, em escala rumo ao norte de Goiás. Uma vez, deixaram para ele a “tarefa política” de traduzir textos de Mao Tse-Tung.¹⁰ Brandão os traduziu do espanhol para o português, em folhas de estêncil, e clandestinamente, ia ao seu instituto na UFG mimeografar textos que seriam levados às comunidades rurais no norte de Goiás.

Assim, no final de seu primeiro ano em Goiânia e na UFG, o reitor Farnese Dias Maciel chamou Brandão, o padre José Maria de Pereira e Elter Dias Maciel, um dos amigos mais chegados de Brandão, que também era irmão do reitor, e noticiou que eles estavam “com a cabeça a prêmio”, segundo informações que recebera. E ele os “obrigou” a uma licença forçada, de modo que

10 As seguintes palavras de Betinho expressam como o maoísmo absorveu a AP: Na JEC, os assistentes apresentavam o Cristo como “[...] o homem que veio para fazer uma revolução, não uma revolução em termos políticos, mas de qualquer maneira uma revolução, pessoal, humana, de salvação. Isso continha uma mística tremendamente forte para nós. [...] Foi com esse embalo místico que chegamos à AP: temos uma missão, somos uma geração com uma missão salvadora. [...] Mais tarde, quando o maoísmo, na versão idealista e voluntarista da pequena burguesia do Brasil, absorve a AP, é essa mesma mística que lhe vai servir de base, como um reencontro histórico [...]. Essa ideia de missão, de testemunho, de compromisso radical com uma causa e com a ideia de revolução [...] a mesma perspectiva de compromisso, a mesma pureza, responsabilidade, auto-renúncia” (Souza, 1978, p. 70-71).

cada um tomasse um rumo distante de Goiânia.¹¹ Brandão voltou às pressas ao Rio de Janeiro e retornou à PUC, fazendo o “5º ano” do seu curso de Psicologia, que havia sido interrompido quando se casou com Maria Alice e os dois foram para o México.

Em 1969, ao mesmo tempo que concluía o curso de Psicologia, envolveu-se com um movimento ecumênico de cristãos de esquerda denominado Igreja e Sociedade na América Latina. Era um movimento continental e foi bastante perseguido depois dos golpes militares em alguns países, como o Brasil e, mais ainda, a Argentina, o Uruguai, o Chile e a Bolívia. No Brasil o movimento recebeu o nome menos comprometedor de Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

Sucedeu-se, então, que o Igreja e Sociedade na América Latina solicitou ao CEDI um trabalho de difusão da educação popular e das ideias de Paulo Freire em alguns países latino-americanos. Brandão compunha a pequena equipe que viajava clandestinamente, de tempos em tempos, para se encontrar com educadores e militantes populares em países como Argentina (antes do golpe), Peru, Equador e outros. Passou então a receber do exterior inocentes cartas-convite para cursos de psicopedagogia pastoral, experiência arriscada e extremamente rica.

Escreveu alguns pequenos textos sobre o tema solicitado como material de apoio àqueles pequenos “cursos”, os quais eram mimeografados e usados naqueles países. Em seguida, surgiu a ideia de a equipe escrever um livro contendo o conjunto dos textos escritos e outros novos. Retomou, então, seus textos mimeografados, estudou, escreveu outros e aos poucos foi redigindo um livro. Jether Pereira Ramalho, Beatriz Bebiano Costa e Elder Dias Maciel foram os leitores críticos e revisores impiedosos. De meses em meses eles se reuniam clandestinamente na “chácara do Elter” e demoravam horas e horas relendo e revisando o livro, que ficou pronto entre o fim de 1969 e o começo de 1970. Então a equipe foi a uma reunião em Montevidéu e, entre outros temas, discutiu a edição do livro. Resolveram publicá-lo na Argentina, ainda antes do golpe. Decidiram que ele sairia com outro nome que não o de Brandão, por causa do risco que poderia representar. A própria

11 Moreyra (1986) afirma que “a Universidade Federal de Goiás foi atingida duramente pelos anos de repressão. Provavelmente mais que qualquer universidade brasileira guardada as proporções: dois reitores afastados e mais de vinte professores demitidos com base em legislação discricionária, muitos estudantes e funcionários presos, processados, demitidos ou desligados”.

leitura de qualquer livro de Paulo Freire era vigiada e, não raro, punida no Brasil. Por isso, Julio Barreiro, um teólogo uruguaio, foi o escolhido para aparecer como “autor” do livro de Brandão. Entre julho de 1974 e julho de 1978, foi publicado pela Siglo XXI, com o nome *Educación popular y proceso de conscientización* (Barreiro, 1974). O livro teve cinco edições, as duas primeiras na Argentina. Quando aconteceu o golpe, parte da segunda edição foi destruída pelos militares; passou então a ser publicado no México (Barreiro, 1979). Depois começou a sair pela mesma editora, mas na Espanha. E quando Brandão o reviu pela última vez, em uma livraria de Santiago de Compostela, ele estava na 16ª edição. Fora as edições da Siglo XXI, em espanhol, *Educación popular y proceso de conscientización* foi editado em Portugal e, em uma edição popular, em Cuba. Dez anos mais tarde, o livro clandestino saiu em português. Brandão apareceu como tradutor do seu próprio livro, editado pela Vozes. Mais tarde ainda, com um novo prefácio seu, no qual conta a verdadeira história, a obra foi republicada pela editora Sulina, do Rio Grande do Sul (Brandão, 2000a).

Participando em trabalhos com igrejas “de esquerda” que inauguraram no Brasil a teoria da teologia da libertação e a prática das comunidades eclesiais de base, Brandão viveu entre tênues e nem sempre pacíficas linhas de fronteira em meio à universidade e à militância. Aquele foi um novo tempo de presença no “mundo rural”.

Retornando à UFG, Brandão continuou ligado intensamente ao CEDI e à diocese de Goiás, fazendo pesquisas com forte cunho político contestador com agentes de pastoral, homens e mulheres do campo. Trabalhou também no então criado Museu Antropológico da UFG. Foi responsável pelas primeiras pesquisas antropológicas realizadas naquele estado, ministrando cursos pioneiros de etnografia e pesquisa de campo na década de 1970.

Na ocasião, participou de concursos nacionais de monografias sobre cultura popular e ganhou prêmios que resultaram em publicações (Brandão, 1974, 1978a, 1978b). Recebeu também o Prêmio Erico Vannucci Mendes por sua produção científica na área de cultura popular (CNPq/SBPC/Martha Vannucci), entre outros.¹² Desde então, dividiu-se entre outras pesqui-

12 Professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia. Outros prêmios recebidos: duas menções de “altamente recomendável” para os livros *Céu de passarinhos* (Brandão, 1997) e *O jardim de todos* (Brandão, 2004); Personalidade da Educação da Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento (ABTD/PR); Benemérito do Centro de Memória da Unicamp; Prêmio Erico Vannucci Mendes por produção científica na área de cultura popular, CNPq/SBPC/Martha Vannucci; Fellow de St.

sas junto ao campesinato e de festas e rituais (Brandão, 1976, 1977c, 1977d, 1981a, 1981b, 1986a, 1986d; Brandão; Ramalho, 1986). Inspirado nessas primeiras experiências de pesquisa, escreveu três livros sobre pesquisa participante¹³ (Brandão, 1984, 1985b, 1985c; Brandão; Streck, 2006).

Em 1971, foi aprovado no mestrado de Antropologia, concluindo o curso em setembro de 1974. Sua dissertação, sobre trabalho e identidade étnica em Goiás, foi denominada *Peões, pretos e congo* (Brandão, 1977b).

Ao terminar o mestrado, Brandão foi convidado a se integrar em um amplo projeto de pesquisas envolvendo profissionais do Brasil, México e Escandinávia, junto aos índios *purépechas* (que os brancos chamam de *tarascos*), na mesma região do México onde ele havia estudado em 1966. Então o inesperado foi anunciado. Por causa do seu passado de militância, quando o seu afastamento por um ano fora do Brasil foi solicitado ao Ministério da Educação, o seu então famigerado Serviço de Informação, um departamento de militares dentro do MEC, não o liberou. Simplesmente deixaram de emitir o documento de licença e de direito de viajar para fora do país, sem qualquer explicação. No entanto, aquela ação foi de pequena importância naqueles anos em que amigos eram sequestrados e também desapareciam sem explicações.

Em 1975, Brandão se encontrava muito ligado aos estudos de religião popular, tanto pela via da antropologia e da universidade quanto pela via da militância e da educação popular. Então foi aprovado no doutorado em Sociologia da Religião na USP, e passou também no concurso da Unicamp para professor de antropologia. Assim, com muito pesar ele deixou Goiás e foi para Campinas.

Edmund's College, Universidade de Cambridge; I Concurso Nacional Mario de Andrade de monografias de folclore (Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo). Recebeu a medalha Roquette Pinto da Associação Brasileira de Antropologia e o prêmio Poesia-Liberdade pela Fundação Centro Alceu Amoroso Lima. Ganhou também a medalha Dom Helder Câmara, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

13 A pesquisa participante visa compreender, intervir e transformar a realidade, por meio do envolvimento da comunidade investigada na análise de sua própria realidade. Ela se desenvolve a partir da interação entre os pesquisadores e os membros das situações investigadas. O pressuposto é que todo ser humano é em si mesmo e por si mesmo uma fonte original e insubstituível de saber. Neste sentido, ela oferece um conhecedor/conhecido no interior dos processos de produção coletiva do saber, visando a seguir ações transformadoras.

Em janeiro de 1976, ingressou na Unicamp e, em março, no doutorado em Sociologia da USP, defendendo em 1980 sua tese, que resultou em livro (Brandão, 1982, 2007a).¹⁴

Daí em diante, já atuando também no mestrado em Antropologia da Unicamp, permaneceu muito ligado às culturas populares, à religião popular e ao mundo rural. Brandão integrou a equipe da pesquisa nacional sobre ideologia e hábitos de alimentação no Brasil que resultou no livro de Klaas Woortmann (1978), um dos coordenadores da pesquisa.

Em 1979, Paulo Freire e sua família ensaiaram o retorno ao Brasil. Brandão foi uma das duas pessoas cogitadas para substituí-lo em Genebra, onde Paulo Freire trabalhou no Conselho Mundial das Igrejas, no setor de educação, e estabeleceu um fecundo diálogo com nações neoindependentes na África, sobretudo as de língua portuguesa.

Paulo Freire veio por curta temporada ao Brasil e Brandão encontrou-se com ele na casa de Francisco Weffort e Madalena Freire. Conversaram longamente e ele saiu de lá propenso a aceitar o convite. Mas a verdade é que naquele ano ele estava vivendo um momento muito feliz e fecundo: havia recém completado o seu doutorado e já era professor na Unicamp. E se dividia entre aulas, pesquisas de campo e suas ações de presença e assessoria junto aos movimentos sociais, sobretudo no mundo rural, o que seguidamente o devolveu a Goiás. Assim, Brandão não aceitou a proposta e permaneceu no Brasil.

Paulo Freire voltou com a família para o Brasil entre o final de 1979 e o começo de 1980, ingressando na Unicamp e, logo após, na PUC de São Paulo. Naquela época, Brandão e Paulo Freire fundaram, junto com Mauricio Tratenberg e Moacir Gadotti, o Centro de Estudos de Educação e Sociedade, na Unicamp. Participou de inúmeros encontros com Paulo Freire, ou ao redor dele, de bancas de exame à elaboração de livros e o acompanhou em sua primeira viagem pelo Brasil, indo de São Paulo a Goiânia para um grande encontro nacional de educação. Viajaram algumas outras vezes. Uma delas à Nicarágua, logo após a vitória dos sandinistas na guerra de libertação (Brandão, 1987). Publicou e participou de livros coletivos sobre educação popular e Paulo Freire (Brandão, 1983, 1985a, 1986c, 1986d, 1988, 1996, 2000a,

14 A primeira edição de *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*, de 1982, foi acolhida e recebida no Brasil e no exterior, tornando-se um novo clássico na literatura da moderna antropologia brasileira e dos estudos sobre a religião em nosso país. A edição de 2007 é, no entanto, a sua primeira edição completa com depoimentos e casos, publicada pela Editora da Universidade Federal de Uberlândia. Sua leitura deverá apontar uma nova, fecunda e completa visão dos estudos e pesquisas de campo realizadas por seu autor.

2002b, 2002c, 2005e; Brandão; Assumpção, 2009; Freire, 1985). Brandão e Paulo Freire eram amigos muito próximos, eles se viam e conversavam com frequência. Após a morte do amigo, Brandão escreveu um livro sobre Paulo Freire para crianças do MST (Brandão, 2001b). Depois, a obra foi editada de forma mais completa (Brandão, 2005d).

Em 1992, fez o seu pós-doutorado¹⁵ envolvendo basicamente trabalhos de campo em aldeias rurais da Galícia (Brandão, 2003a).

Há mais de vinte anos, Brandão criou um dos seus projetos mais ambiciosos, “uma casa de acolhida” no sul de Minas, o Sítio da Rosa dos Ventos,¹⁶ em Pocinhos do Rio Verde (MG).

O diálogo com outros campos disciplinares e a crítica aos sistemas “tradicionais” de pensamento

A atuação de Brandão na antropologia é marcada por um contínuo diálogo transdisciplinar, que tem na fronteira entre a ciência e a educação uma força especial.¹⁷ Suas experiências, os aprendizados, os muitos diálogos com os “outros”, próximos e distantes, fizeram aumentar sua aventura de multilinguagens e de pluriolhares. Todo o tempo de sua vida, como professor, desde 1967, e como antropólogo, desde 1972, foi sempre marcado por esse viver, pensar, pesquisar e lecionar em e entre zonas de fronteira. Sua trajetória esteve sempre em diálogo com a arte, a religião, a educação, a pessoa, a cultura popular, o meio ambiente e, nos últimos tempos, a geografia. Sem esquecer que, muito antes da antropologia, Brandão sempre trabalhou com a literatura¹⁸ e, mais ainda, com

15 Em 1992 Brandão fez o pós-doutorado na Universidade de Perugia, na Itália, e na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha. Nos dois países fez várias palestras críticas a respeito da colonização das Américas, pois era o ano do quinto centenário da conquista da América. Do seu pós-doutorado resultaram dois livros, publicados em português e galego (Brandão, 2003a). E outros três inéditos sobre o mundo rural da Galícia, a religião galega e o caminho de Santiago. Em 1996 Brandão voltou à Espanha como professor pesquisador sabático estrangeiro, com bolsa do governo espanhol.

16 Disponível em: <www.sitiodarosadosventos.com.br>. Acesso em: 21 jun. 2017.

17 No Brasil um dos maiores difusores do pensamento dessa tendência é o matemático e educador Ubiratan D'Ambrósio. Ele tem vários artigos em diferentes livros e revistas, e um livro de autor: *Transdisciplinaridade*, publicado em 1997 pela Palas Atena, de São Paulo.

18 Dentre seus muitos livros de poemas destaca-se *Furundum: canções e cores de carinho com a vida*, já em sua quinta edição, que foi adotado por secretarias de educação, com mais de 5 mil exemplares distribuídos em escolas e bibliotecas do estado de São Paulo; além disso, foi musicado por diversos artistas e gravado em CDs.

a poesia (Brandão, 1999, 2000b, 2001a, 2002a, 2003b, 2004, 2005a, 2005c, 2007b, 2008a, 2008b, 2013a, 2013b, 2014). Durante anos e anos de sua vida, ele se viu dividido entre a produção acadêmica e as pesquisas “militantes”, ou seja, uma conspiração extra-acadêmica vivida em movimentos populares.

Brandão procura estender a ideia de pesquisa para fora do alcance do campo das ciências legítimas. Assim, ao invés de limitar o olhar a ver somente a pesquisa científica, ele considera todas as modalidades de pensamento e de ações criadoras de conhecimento, sentido e significado como formas legítimas de investigação, com um olhar um pouco mais ousado e abrangente que aquele limitador da percepção do que está acontecendo de novo na aventura humana do pensar e do criar sistemas de compreensão sistemática da realidade. Reconhece as tendências teóricas e práticas de pesquisa dos paradigmas emergentes no interior de um campo definitivamente científico.

Na esfera das ciências da natureza, um bom porta-voz dessa tendência é Ilya Prigogine (2002), que repensou a epistemologia da ciência e a relação entre ciências sociais e naturais, na tentativa de superação do conceito de ciência elaborado a partir das contribuições centrais de Newton no século XVII.

Sob tal paradigma, as ciências sociais não eram consideradas ciências na mesma medida que os demais campos científicos, pois o campo das ciências foi sempre o campo do verificável, do comprovável, da objetividade, da positividade. Restaria às ciências sociais contentarem-se em fazer parte do campo das humanidades e das artes, o que não implicaria demérito, dado que as ciências sociais tratam de gente e não de coisas. (Rosso; Bandeira; Costa, 2002, p. 234).

A tendência mais divulgada e mais discutida fundamenta-se, por um lado, na tradição inovadora das ciências da natureza e, por outro, no deságio da interação entre a ciência ocidental e as tradições de ciência, filosofia e espiritualidade orientais. A segunda tendência reconhece que o surto inovador dos novos paradigmas deve ser buscado dentro da longa crise dos sistemas ocidentais de pensamento científico e dos desafios de integração entre campos de ciências, ao lado também de uma reconstrução epistemológica radical – em que certa subjetivação das relações teóricas e operativas da investigação tem um lugar de importância. A inovação estaria também em uma inevitável abertura dos modelos oficiais ocidentais ao diálogo com sistemas de imaginário e de pensamento das tradições orientais e, no limite, dos povos indígenas.

Fritjov Capra é o difusor mais reconhecido dessa tendência. Mais próxima dos estudos sobre a pessoa humana, a vertente californiana da psicologia transpessoal deve ser lembrada.¹⁹

Uma terceira tendência na qual Paulo Freire está situado é a que toca Brandão mais de perto. Edgar Morin é seu representante mais moderado e Boaventura de Sousa Santos o representante mais crítico. Ela se diferencia das duas tendências antecedentes por estar mais associada a uma compreensão totalizante do mundo, da vida, da pessoa, da sociedade e da educação, a partir das ciências sociais. Boaventura inverte o eixo clássico das relações e defende a ideia de que, no advento dos paradigmas emergentes, as ciências da natureza tomam das sociais o fundamento de sua lógica e de suas futuras orientações de pesquisa. De outra parte, sobretudo em *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (Santos, 2000) e em *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade* (Santos, 2013), Boaventura pensa a novidade nos modelos de prática da ciência em direção a uma humanização de teor político da atividade do pensamento científico.

Finalmente, Brandão reconhece uma tendência situada na fronteira entre as ciências acadêmicas, os sistemas reconhecidos pelos seus praticantes como alternativas científico-filosóficas e sistemas religiosos e/ou espirituais de compreensão da realidade, de significação da vida e de orientação ética das ações humanas. O que sobretudo as duas tendências centrais dos paradigmas emergentes têm a dizer e a inovar, em síntese? O que as suas ideias de crítica aos sistemas “tradicionais” de pensamento e as suas propostas podem aportar ao trabalho do educador que também investiga? O livro *O paradigma educacional emergente* (Moraes, 2000) é um dos trabalhos mais completos e mais oportunos sobre esse tema, com o seu foco sobre a educação. Brandão sugere que se preste atenção à maneira como Moraes traz o pensamento de Paulo Freire para um tipo de discussão em que outros vários autores o deixam na sombra do esquecimento (Brandão, 2002b).

19 Alguns dos seus livros, inclusive com artigos de Capra, estão traduzidos para o português. Assim, Brandão recomenda a leitura de duas coletâneas organizadas por Roger Walsh e Frances Vaughan, ambas editadas pela Cultrix, de São Paulo. Um dos livros é *Caminhos além do ego: dimensões transpessoais em Psicologia*, de 1997. O outro é *Caminhos além do ego: uma visão transpessoal*, de 1999. Um dos mais conhecidos interlocutores desta linha é Stanislav Grof. Ele tem em português o livro *O jogo cósmico: explorações das fronteiras da consciência humana*, publicado pela Atheneu, de São Paulo, em 1999. Existe também uma “linha francesa”, representada no Brasil pelo pessoal reunido na Universidade da Paz (Unipaz), de Brasília, com Pierre Weil e Roberto Crema.

Considerações finais

Portelli (1981, p. 104) já dizia que “é impossível esgotar toda a memória histórica de um único informante”. Por outro lado, é inegável que as ideias e experiências vividas por Carlos Rodrigues Brandão possam ser contidas dentro de um único artigo. Assim, tentamos resumir os relatos registrados em seus livros, as entrevistas sobre sua história de vida e as muitas conversas que tivemos durante longos anos de convivência. Essas fontes foram utilizadas, “em parte para corroborar a evidência, em parte para chegar a diferentes perspectivas dos mesmos eventos e desenvolvimentos” (Freund, 2009, p. 53).

As narrativas de Brandão dizem respeito aos significados que ele atribui às suas experiências no contexto de sua história de vida. Ele vincula a consciência ou a memória coletiva do passado com a do presente, que atua relativizando ou deslocando significados acerca daquele passado, ao longo de toda a história que ele conta. Utilizando as palavras de Montenegro (2010, p. 40), podemos dizer que Brandão “ressignifica o presente, a partir de um passado que se atualiza enquanto memória informando a percepção”.

Referências

BARREIRO, J. *Educación popular y proceso de concientización*. 6.ed. San Ángel, México: Siglo XXI, 1979.

_____. *Educación popular y proceso de concientización*. Buenos Aires, Argentina: Siglo XXI, 1974.

BRANDÃO, C. R. *Saracura e seriema, saíra e sabiá*: poemas sobre os seres que voam entre os ares da vida. Ilustração de Paulo Masserami. Americana: Adonis, 2014.

_____. *De repente é quase agora*: um livro de poemas e perguntas. Ilustrado por Bruna Barros. Campinas: Autores Associados, 2013a.

_____. *Caixa de Correio*: poesia reunida (1963- 2013). Belo Horizonte: Gráfica O Luta-dor, 2013b.

_____. *Furundum*: canções e cores de carinho com a vida: Carlos Rodrigues Brandão escreveu as cores, Rubens Matuck pintou as canções. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2008a. (Ciranda de Letras).

_____. *Abecedário dos bichos que existem e não existem*. Campinas: Autores Associados, 2008b.

_____. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 3. ed. Uberlândia: Ed. da UFU, 2007a.

_____. *O voo da arara azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental*. Campinas: Autores Associados, 2007b.

_____. *Orar com o corpo: preceitos e preces para os gestos das horas do dia*. Campinas: Verus, 2005a.

_____. *Aqui é onde eu moro, aqui nós vivemos: escritos para conhecer, pensar e praticar o município educador sustentável*. Apresentação de Marina Silva e Jorge M. Samek. 2. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Programa Nacional de Educação Ambiental, 2005b.

_____. *O vento de agosto no pé do ipê: escritos do sertão*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005c.

_____. *Paulo Freire, o menino que lia o mundo: uma história de pessoas, de letras e de palavras*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005d.

_____. *Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005e.

_____. *O jardim de todos: Carlos Rodrigues Brandão desenhou as palavras, Isis Zahara coloriu as imagens*. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. *Aldeas escritas e imagens da Galicia tradicional: Santa María de Nos-Brión*. Coruña: Editorial Toxosoutos, 2003a.

_____. *Orar com o corpo: preceitos e preces para os gestos das horas do dia*. Goiânia: Ed. da UCG, 2003b.

_____. *São Francisco meu destino*. Campinas: Mercado das Letras, 2002a.

_____. *Andando em boa companhia: de Paulo Freire a Boaventura de Souza Santos na construção do conhecimento através da ciência, da pesquisa e da educação*. Goiânia; Campinas, 2002b. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4201/1/FPF_PTPF_01_0857.pdf>. Acesso: 21 jun. 2017.

_____. *A educação popular na escola cidadã*. Petrópolis: Vozes, 2002c.

_____. *Furundum: canções e cores de carinho com a vida – literatura infantil*. Campinas: Autores Associados, 2001a.

_____. *A história do menino que lia o mundo*. São Paulo: Expressão Popular, 2001b. (Coleção Fazendo História, 7).

_____. *Educação popular e conscientização*. Porto Alegre: Sulina, 2000a. (Coleção Popular 40 anos).

_____. *Semente: poemas para crianças pensarem o meio ambiente*. [S.l.]: MST – Setor de Educação, 2000b.

_____. *Os nomes: escritos sobre o outro – poesia*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

_____. *Memória sertão*. Uberaba: Ed. da Uniube, 1998.

_____. *Céu de passarinhos*. Ilustrações sobre desenhos de Demóstenes. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1997.

_____. Fertilizador do inusitado. In: GADOTTI, M. *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire; Unesco, 1996. p. 706.

_____. *Que es método Paulo Freire?* Quito: CEDEC, 1988. v. 1.

_____. *Lições da Nicarágua: a experiência da esperança*. Campinas: Papius, 1987. v. 1.

_____. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986a.

_____. A turma de trás. In: MORAIS, R. de (Org.). *Sala de aula: que espaço é esse?* Campinas: Papius, 1986b. p. 105-122.

_____. *O ardil da ordem: caminhos e armadilhas da educação popular*. Campinas: Papius, 1986c. v. 1.

_____. *Saber e ensinar: três estudos de educação popular*. Campinas: Papius, 1986d.

_____. Refletir, discutir, propor: as dimensões de militância intelectual que há no educador. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1985a. p.71-87.

_____. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

_____. (Org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1985c.

_____. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Saber e ensinar: três estudos sobre educação popular*. Campinas: Papius, 1983.

_____. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. Prefácio de José de Souza Martins. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Graal, 1981a.

_____. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981b.

_____. *O divino, o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1978a.

_____. *A Festa do Santo de Preto*. Rio de Janeiro: Funarte; Ed. da UFG, 1978b. v. 1.

_____. El método Paulo Freire para la alfabetización de adultos. *Cuadernos del CREFAL*, México, v. 3, 1977a. Disponível em: <http://www.crefal.edu.mx/crefal25/images/publicaciones/cuadernos_crefal/cuadernos_crefal_3.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. *Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás*. Brasília: Ed. da UNB, 1977b.

_____. *A folia de reis de Mossâmedes*. Brasília: FUNARTE, 1977c.

_____. *A dança dos congos da cidade de Goiás*. Goiânia: Gráfica do livro Goiano Ltda, 1977d. Folclórica. n. 6, ano.5, Serviço de Proteção ao Folclore/SUPAC/SEC/GO.

_____. *Crenças e costumes de comida em Mossâmedes*. Goiânia: Ed. da UFGO, 1976. (Série Sociedades Rurais do Mato Grosso Goiano, 5).

_____. *Cavalhadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1974. Prêmio Nacional de Folclore Americano do Brasil, 1973, Instituto Goiano do Folclore.

BRANDÃO, C. R.; ASSUMPÇÃO, R. *A cultura rebelde: escrito sobre educação popular ontem e agora*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. (Coleção Educação Popular).

BRANDÃO, C. R.; RAMALHO, J. R. *Campesinato goiano: três estudos*. Goiânia: Ed. da UFG, 1986. Disponível em: <<http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/campesinato.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

BRANDÃO, C. R.; STRECK, D. *Pesquisa participante: o saber da partilha*. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

FREIRE, P. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 89-101.

FREUND, A. História oral como processo gerador de dados. Tradução Jaqueline Barbosa. Revisão da tradução Méri Frotscher. *Historical Social Research*, Cologne, v. 34, n. 1, p. 22-48, 2009. Tradução para o português e sua publicação na revista *Tempos Históricos* autorizadas pelo autor.

MARTINELLO, A. S. Carlos Rodrigues Brandão: representações e construção biobibliográfica. *Perspectivas Sociais*, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 47-62, mar. 2011.

MONTENEGRO, A. T. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

- MORAES, M. C. *O paradigma educacional emergente*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.
- MOREYRA, S. P. Prefácio. In: BRANDÃO, C. R.; RAMALHO, J. R. J. P. *Campesinato goiano: três estudos*. Goiânia: Ed. da UFG, 1986. Disponível em: <<http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/imagens/stories/anexos/campesinato.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2017.
- PORTELLI, A. The peculiarities of oral history. *History Workshop Journal*, Oxford, v. 12, n. 1, p. 96-107, 1981.
- PRIGOGINE, I. *A lei do caos*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. da Unesp, 2002.
- RODRIGUES, M. E. C. et al. Animação popular no Movimento de Educação de Base em Goiás (MEB-GO): na contramão da censura, a educação libertadora. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 3, 2012, Jataí. *Anais...* Jataí: UFG, 2012. História e Diversidade Cultural: Textos Completos. Disponível em: <[http://www.congressohistoria-jatai.org/anais2012/Link%20\(2\).pdf](http://www.congressohistoria-jatai.org/anais2012/Link%20(2).pdf)>. Acesso: 21 jun. 2017.
- RODRIGUES, M. E. C. *Enraizamento de esperança: as bases teóricas do Movimento de Educação de Base em Goiás*. 317 p. Tese (Doutorado em Educação) – UFG, Goiânia, GO, 2008.
- ROSSO, S. D.; BANDEIRA, L.; COSTA, A. T. M. Pluralidade e diversidade das ciências sociais: uma contribuição para a epistemologia da ciência. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 17, n. 2, p. 231-246, dez. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922002000200002>>. Acesso em: 21 jun. 2017.
- SANTOS, B. de. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2013.
- SANTOS, B. de. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SOUZA, H. J. de. *No fio da navalha*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.
- SOUZA, H. J. de. Depoimento. In: CAVALCANTI, P. C. U.; RAMOS, J. (Org.). *Memórias do exílio*. São Paulo: Livramento, 1978. p. 70-71.
- WOORTMANN K. A. A. *Hábitos e ideologia alimentares em grupos sociais de baixa renda: relatório final*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1978. (Série Antropologia, 20).

Fontes orais

- BRANDÃO, C. R. [66 anos]. [jun. 2006]. Entrevistadores: Roberto Lima e Cintya Maria Costa Rodrigues. Goiania, 14 jun. 2006.
- _____. [67 anos]. [jun. 2007]. Entrevistador: André Souza Martinello. Caldas, 26 jun. 2007.

_____. [75 anos]. [nov. 2015]. Entrevistador: Marcelo Roco. Campinas, 12 nov. 2015. Memória Científica, produzido pela TV Unicamp.

_____. [77 anos]. [1995-2017]. Ouvinte das histórias de vida: Bernadeth Maria Pereira. Caldas, 1995-2017.

Resumo: Este trabalho traça o inusitado caminho de formação do cientista social e antropólogo do mundo rural Carlos Rodrigues Brandão. Na década de 1960, deu seus primeiros passos como educador popular, caminho que o levou a ter forte ligação com as ideias e a pessoa de Paulo Freire. Sua produção intelectual abrange a antropologia social, educação, cultura popular, questões ambientais, geografia e literatura. Publicou e organizou a edição de mais de noventa livros nessas áreas do conhecimento. Sua história de vida constitui-se em voz autorizada, legitimando seus escritos pelas suas vivências, tanto no interior da academia como em instituições voltadas para o campo das ciências aplicadas, e em situações de interação social que opõem as ciências aos saberes tradicionais. Dada a proximidade que tenho com o educador, apropriei-me das conversas que tivemos durante longos anos de convivência, dos relatos registrados em seus livros e das entrevistas sobre sua história de vida para a elaboração deste artigo. Embora o texto tenha sido pensado e escrito com base na história oral e na memória social, que perpassam todo o documento, não apresento nenhuma discussão teórico-metodológica sobre ele, por não ser esse o propósito do artigo.

Palavras-chave: Carlos Rodrigues Brandão, antropologia, educação, cultura popular.

Carlos Rodrigues Brandão: formation, multi-languages and plural perspectives of a popular educator and rural world anthropologist

Abstract: This work maps the exceptional path of social scientist and rural world anthropologist Carlos Rodrigues Brandão's formation. In the 1960s, he took his first steps as a popular educator, a path that led him to establish a strong connection to the ideas and the very person of Paulo Freire. Brandão's intellectual production covers social anthropology, education, popular culture, environmental issues, geography and literature. He published and organized the editions of more than 90 books on those knowledge areas. His life history makes him an authoritative voice that legitimizes his writings based on his own experiences both in the academy field and at applied sciences institutions, as well as in social interaction situations opposing sciences and traditional knowledge. Given my proximity to that educator, in order to prepare this article I appropriated the conversations we had throughout many years of contact and the stories about his life's history which are recorded in his books and interviews. Although the text has been designed and written based on oral history and social memory that are present in the whole document, I do not present any theoretical-methodological discussion about it since that was not the purpose of this article.

Keywords: Carlos Rodrigues Brandão, anthropology, education, popular culture.

Recebido em 1º/03/2017

Aprovado em 27/06/2017